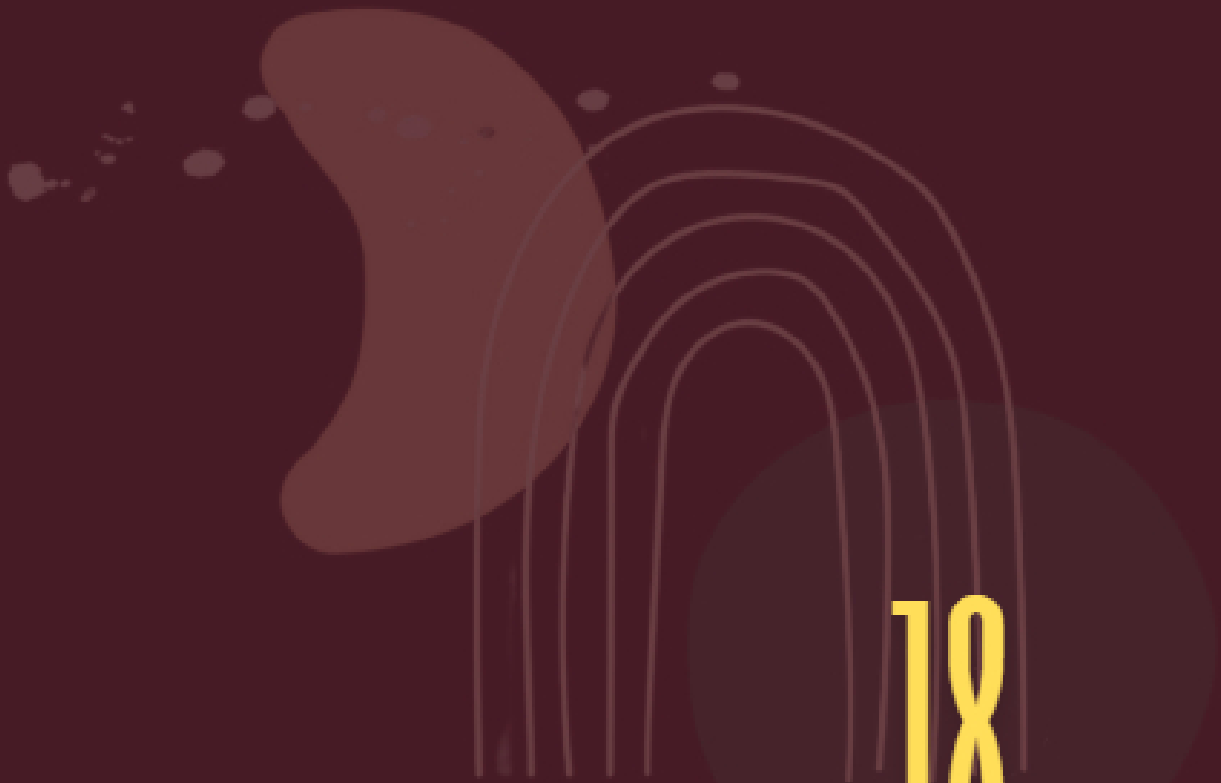
VINICIUS ORZA

O DEVER DO OFÍCIO

UMA SÉRIE DE REPORTAGENS QUE APRESENTA HISTÓRIAS E REALIDADES ALÉM DO TRABALHO



COLECÃO ENFRENTAMENTOS 18

VINICIUS ORZA

O DEVER DO OFÍCIO

Uma série de reportagens que apresenta histórias e realidades além do trabalho

2025

18

COLEÇÃO ENFRENTAMENTOS

Direitos reservados © Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

Chefia do Departamento de Jornalismo
Paula Melani Rocha

Coordenação do curso de Jornalismo
Ivan Bomfim

Produção de Textos Jornalísticos III
Hendryo André

Produção, edição e diagramação
Vinicius Orza

Esta obra integra a *Coleção Enfrentamentos*, concebida por estudantes do 3º ano do curso de Jornalismo durante a disciplina Produção de Textos Jornalísticos, ministrada pelo professor Hendryo André.

A reprodução total ou parcial deste material, por qualquer meio, somente é permitida mediante autorização expressa da instituição.

As ideias, interpretações e conclusões contidas nesta publicação são de responsabilidade única e exclusiva do autor da obra.

FICHA CATALOGRÁFICA

O dever do ofício: uma série de reportagens que apresenta histórias e realidades além do trabalho / Autoria: Vinicius Orza.
Ponta Grossa (PR): Departamento de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2025.
56 p.
(Coleção Enfrentamentos ; v. 18)

1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo. 3. Trabalho 1. 4. Perfil 2.
I. Orza, Vinicius.

Para Tia Xubaia,
a maior trabalhadora que eu já conheci

"It's been a hard day's night
And I've been workin' like a dog
It's been a hard day's night
I should be sleepin' like a log
But when I get home to you
I find the things that you do
Will make me feel alright".

(The Beatles, 1964)

SUMÁRIO

Coleção Enfrentamentos	11
Apresentação	13
O pré-trabalho	15
O trabalho interrompido	21
O trabalho autônomo	25
O trabalho em meio ao medo	29
O trabalho maximizado	35
O trabalho nascido do amor	43
O trabalho materno	49
Epílogo	55

COLEÇÃO ENFRENTAMENTOS

Escrever um livro foi e ainda costuma ser um sonho — por vezes, meramente retórico — para boa parte das pessoas. Fonte de conhecimento, objeto de distração e, até certo ponto, expressão de identidade, uma obra textual, quando não reduzida à peça empoeirada de decoração, produz uma explosão de ideias e sentidos.

No jornalismo, em particular, a grande reportagem escrita neste formato ganha proeminência por, idealmente, ser capaz de suplantar as abordagens de uma imprensa diária atravessada pelo imperativo da factualidade. Sempre ancorado em princípios de apuração que mirem a verdade factual — isto é, o *real possível* —, um jornalismo mais aprofundado e humanizado passa a ganhar campo; ao confrontar causas e consequências, a angulação da reportagem cria brechas para se pensar e repensar políticas públicas. Finalmente, a notícia em formato de lide cede espaço — ora de modo tímido, admite-se, outrora de forma entusiasta — a narrativas mais criativas; nelas, as entrelinhas importam e o ponto nunca é o final.

Com essas noções em mente, a *Coleção Enfrentamentos*, produzida ao longo de 2025 por estudantes do terceiro ano do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), na disciplina *Textos Jornalísticos III* (turmas A e B), reúne 20 volumes. Os livros-reportagem resultam de um trabalho que contou com a participação solidária dos professores Kevin Furtado e Aline Rosso. Docentes da disciplina *Núcleo de Redação Integrada II*, cuja ementa prevê a atualização do Portal Periódico, veículo laboratório digital do curso, os dois avançaram na edição mensal dos materiais e, em nenhum momento, se indispuseram com a proposta surgida na disciplina de textos.

Os títulos da presente coletânea carregam uma gama de *enfrentamentos*. Mais que a exposição de mazelas sociais resultantes de violências praticadas e sofridas, o grupo de universitárias e universitários procurou refletir criticamente sobre as histórias. E nesse aspecto, a coletânea traz uma série de discussões contemporâneas e pertinentes. Para que elas sejam visibilizadas, é preciso lembrar que um livro só existe de fato quando é lido. Uma obra só tem razão de existir se cria enfrentamentos. Dentro das condições de produção e de grau de formação, os aspirantes a jornalistas enfrentaram o desafio de produzir os primeiros livros de suas vidas. E é chegado o momento de enfrentamento da leitura. Que ela, para a leitora ou o leitor, seja proveitosa.

Ponta Grossa, dezembro de 2025.

Hendryo André
Professor colaborador do curso de Jornalismo da UEPG
responsável pela disciplina Textos Jornalísticos III

APRESENTAÇÃO

Como definir o significado de trabalho? Segundo a definição mais comum dos dicionários, trabalho se refere ao emprego ou profissão que alguém exerce, o que não deixa de estar certo, porém, a meu ver, o conceito é muito mais amplo. Trabalho é também uma forma de devoção, uma entrega àquilo que se propõe a fazer. Seja o trabalho de cuidar de uma criança ou instituição, o sonho que você trabalha diariamente para alcançar, ou mesmo àquele no qual o esforço é requerido para que o ganha-pão do fim do mês seja ganho.

Em *O Dever do Ofício*, meu objetivo era conseguir retratar a história de alguns trabalhadores que cruzaram o meu caminho acadêmico durante o ano de 2025 na graduação em Jornalismo. Mesmo que inicialmente o intuito não fosse transformá-los em um globo de espelhos ao relento dos holofotes, aos poucos eu percebia que aqueles trabalhadores tinham uma história marcante, e que mereceria ser contada, afinal, todos nós merecemos ter a nossa história vista por outras pessoas. O ser humano tem o desejo inerente de ser

visto, e de ser lembrado, e eu apenas queria possibilitar que essas pessoas tivessem esse desejo saciado, mesmo que um pouco, por meio de reportagens que os mostrassem da forma como são: guerreiros que lutam diariamente por aquilo que acreditam, mesmo com dificuldades e percalços enfrentados.

Entendo o Jornalismo como um meio capaz de difundir conhecimento, como também, capaz de contar histórias e dar voz àqueles que nunca haviam sido ouvidos antes. E se hoje eu tenho a capacidade e instrumentos para que mais histórias sejam retratadas e vistas pelos outros, então eu entendo que essa é atualmente a minha aspiração de vida. Digo atualmente pois é impossível definir o futuro, mas uma coisa é certa: eu sou muito feliz fazendo o que eu faço.

Ponta Grossa, dezembro de 2025.

Vinicius Orza
Estudante do curso de Jornalismo da UEPG

01

O PRÉ-TRABALHO

"O processo de mudança e adaptação para uma nova vida é muito enriquecedor por toda a experiência e amadurecimento que se adquire, apesar de todas as dificuldades. Acho que as coisas boas nunca vêm fáceis", relata Victor Brande Moraes. O estudante de 22 anos está no quinto período do curso de Ciência da Computação na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e se mudou para Ponta Grossa exclusivamente com o intuito de estudar. Apesar de ter nascido em São Paulo, capital, ele morou no Rio de Janeiro — também capital — desde os dois anos de idade, e portanto, se considera carioca. Atualmente, mora com um amigo no Paraná há mais de dois anos, mesmo sem a presença de familiares no novo estado.

Dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) por meio do Censo da Educação Superior 2024, no dia 22 de setembro, indicam que o Brasil alcançou a marca de 10 milhões de estudantes presentes no ensino superior em 2024. De acordo

com a pesquisa estatística, cerca de 48% das matrículas do país ainda são na modalidade presencial. E para que os estudos sejam concluídos, milhares de pessoas precisam se deslocar de sua cidade de origem para outra, onde está localizada a universidade, para então estudar e se graduar. Casos como o do Victor são comuns, e diferentes estudantes conseguem se identificar em seus relatos e experiências.

Mesmo com o fornecimento de bolsas e auxílios para os estudantes permanecerem nas universidades, o incentivo pode parecer pouco e limitado, e nem todos conseguem usufruir dos benefícios financeiros. É o caso do Victor, que prefere deixar para quem realmente mais precisa. O ideal seria que todos os alunos pudessem receber algum tipo de ajuda para se manter nos estudos, seja para auxiliar nas despesas mensais ou mesmo nos estudos, mas a realidade ainda está distante do cenário ideal. A falta do estímulo pode ser ainda mais significativa àqueles que não são da cidade de origem, por isso, a intenção é compreender melhor um pouco da realidade de dois estudantes que, embora diferentes, compartilham de situações parecidas nas dificuldades de permanência nos estudos.

Victor

Recebendo cerca de um salário mínimo e uma pensão por mês torna-se difícil se manter em uma cidade como Ponta Grossa, principalmente ao destacar a inflação crescente dos últimos anos, em especial no mercado imobiliário, com apartamentos pequenos na região central atingindo facilmente os R$ 1,5 mil. Por isso, Victor e outros estudantes recorrem a dividir a moradia com um colega, para tentar, pelo menos um pouco, tirar o peso dos altos custos da vida sozinho.

Entretanto, os desafios de se viver sozinho em uma

cidade nova vão além das questões financeiras, e as armadilhas mentais e a saudade de casa se tornam outros fatores decisivos nesses casos. Para Victor, a maior dificuldade de se mudar para uma nova cidade é se adaptar à nova realidade longe da família. "É complicado estar longe do seu porto seguro, especialmente nos momentos mais estressantes do curso, como em uma semana de prova. É aprender a se virar sozinho", enfatiza. Ele ainda destaca a questão climática, por Ponta Grossa ser uma cidade mais fria do que a região em que cresceu e viveu a vida inteira.

Embora não pense mais nisso, Victor conta que já houve um momento em que pensou em desistir do curso e voltar para a cidade de origem. O início da graduação e as disciplinas introdutórias podem ser assustadoras para alguém que nunca havia tido contato com a área da programação, e, somado às cobranças familiares, a pressão às vezes o fazia querer abandonar tudo o que estava tentando construir na época. "No começo eu tinha muito aquele sentimento de dúvida. E pensava várias vezes: ‘será que isso é pra mim?’, ou ‘por que eu estou fazendo isso?’”, relata. Mesmo frustrado com a carga pesada, ele se manteve persistente e seguiu em frente com o sonho de se formar. "Da mesma forma que não é fácil vir, também não é fácil você ir embora", destaca.

Apesar de possíveis dificuldades financeiras e do cansaço que o curso proporciona, Victor enfatiza sobre como tudo faz parte de um processo. Ele acredita que, no fim, todos os percalços enfrentados farão parte de algo muito maior, e é importante se manter firme naquilo que realmente acreditamos para o futuro. "Eu acho que tudo é possível se você tem um objetivo em mente. É focar naquilo que você deseja, pois sempre há um jeito de resolver e seguir em frente", conclui.

Rasec

Nascido em Gaspar, Santa Catarina, Rasec de Paula também se mudou para outro estado aos 18 anos para estudar. Atualmente, mora em Curitiba e é estudante no segundo período do curso de Cinema e Audiovisual em uma tradicional instituição privada da cidade. A decisão de se mudar para Curitiba para estudar foi pela universidade ter uma reputação melhor que aquelas da região em que morava. Embora seja de outra região do país, ele compartilha experiências similares às de Victor relacionadas ao desafio de viver sozinho, longe da família e da cidade natal.

Para Rasec, ao contrário, o maior problema tem sido a administração financeira, e não a solidão ou a distância dos pais. Sua rotina começa cedo para as aulas e só retorna à noite, após seis horas de expediente como jovem aprendiz em uma rede de *fast food*, para ajudar com as despesas mensais, embora também receba auxílio dos pais. "É cansativo, porque chego em casa às nove da noite e já tenho que fazer comida, limpar e dormir para poder começar tudo de novo no outro dia", relata.

Ele conta que o interesse pelo curso de Cinema surgiu pelo apreço ao teatro, atividade em que esteve envolvido por seis anos durante a escola. Inclusive ele já pensou em cursar Artes Cênicas. Entretanto, pelo fato de as disciplinas também envolverem questões de canto, dança e atuação, Rasec optou pelo Cinema por permitir uma aproximação maior com a produção. "No início eu tive muito dessa dúvida: 'qual dos dois escolher?' e 'qual a diferença entre os dois?'. Mas fiz a escolha por preferir estar atrás das câmeras", afirma.

Apesar das dificuldades e cansaço acumulado, Rasec enfrenta a rotina com otimismo e não pensa em desistir da graduação. Seu sonho é se tornar um diretor de arte, pelo

contato que teve com a cenografia e figurinos na época que fazia teatro. Para ele, o principal é persistir e demonstrar interesse desde o começo da graduação. "Faculdade de comunicação é complicado, ainda mais cinema. É entrar sabendo que não é fácil e que talvez não tenha tantas oportunidades logo de cara. Por isso, você precisa se esforçar muito desde o início para conseguir algum retorno no futuro", comenta.

Dados

Segundo dados do Mapa do Ensino Superior no Brasil de 2024, produzido pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (Semesp), o índice de evasão na educação superior no Brasil é de cerca de 57%. O número considera tanto a rede pública quanto a privada, nas modalidades presencial e a distância (EaD).

O estudo indica que a evasão é observada com maior intensidade na rede privada de ensino, onde se concentram 88% das instituições de ensino superior no país, com uma taxa de evasão de aproximadamente 61%. Já na rede pública, o número de estudantes evadidos atinge cerca de 40%.

Mesmo com as dificuldades de se graduar, muitos estudantes ainda sonham em adquirir o tão desejado diploma. O relatório de setembro de 2025, *Education at a Glance* (EaG), da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) indica que os brasileiros de 25 a 64 anos com ensino superior podem receber em média 148% a mais do que aqueles que concluíram apenas o nível médio, percentual acima da média internacional, de 54%. O estudo aponta, entretanto, que

apenas um em cada quatro estudantes finaliza o curso de graduação que começou, sendo que, entre os desistentes, 25% abandonam ainda no primeiro ano.

Atualmente, com tantas dificuldades financeiras e emocionais, especialmente àqueles que precisam se manter longe da família e/ou da cidade de origem, permanecer nas universidades, sejam elas públicas ou privadas, torna-se quase um ato de resistência. Entretanto, para muitos estudantes, o sonho de trabalhar com uma área desejada consegue ser mais forte que qualquer obstáculo que surja no caminho. Assim, a barreira da evasão de ensino pode ser superada pela persistência e o desejo de um futuro melhor.

02

O TRABALHO INTERROMPIDO

Aqueles que cresceram na última década e acompanhavam diariamente notícias, propagandas e campanhas antifumo no Brasil inteiro podem se deparar com uma realidade cada vez mais comum na população: o número crescente de fumantes — seja por meio da popularização dos cigarros eletrônicos, em especial entre o público mais jovem, das ações que combatem o tabagismo sendo menos implementadas ou até mesmo pelo senso comum de que há realmente mais fumantes nos lugares públicos.

Impressões à parte, uma coisa é certa: o número de fumantes no Brasil cresceu nos últimos anos. Segundo o Ministério da Saúde, via lançamento da Campanha do Dia Mundial sem Tabaco em 31 de maio, a quantidade de pessoas que fumam no Brasil cresceu 25% entre 2023 e 2024. O dado preocupa, pois a instituição não registrava um aumento nos índices desde 2007.

O Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas do Ministério da Saúde (Vigitel) destaca

que o número de fumantes no Brasil em 2023 era equivalente a 9,3% entre os adultos. Já em 2024, o número saltou para 11,6%. A mesma pesquisa evidencia outro dado alarmante: 2,6% dos adultos nas capitais experimentaram cigarros eletrônicos no último ano, o maior número desde 2019.

Cigarros eletrônicos

A comercialização, importação e propaganda do cigarro eletrônico é proibida desde 2009. Entretanto, o produto ainda consegue ser facilmente encontrado à venda, inclusive por adolescentes. Segundo dados do Ministério da Saúde, os jovens entre 15 e 24 anos são a maioria dentre os usuários deste tipo de cigarro.

Um estudo inédito da Universidade de Michigan e publicado na revista Tobacco Control indica que os adolescentes que nunca haviam experimentado cigarros eletrônicos exibiam uma chance menor que uma em 50 de se tornarem fumantes semanais. Por outro lado, aqueles que faziam uso frequente dos vapes demonstraram uma chance de quase uma em três de começarem a fumar cigarros convencionais, o que equivale a um risco 30 vezes maior.

Atualmente, os cigarros eletrônicos têm servido como porta de entrada para o tabagismo entre os mais novos. A popularidade está diretamente ligada ao marketing envolvido, afinal, eles são vendidos como produtos descolados com sabores e cheiros que atraem o público jovem para o uso recreativo. Foi o caso de Pamela Lara, que havia sido internada e colocada em coma induzido no mês de maio após o agravamento de uma crise respiratória. “Eu já tenho problema de asma e bronquite, o que agravou no caso também”, declara.

Pâmela e a família

A jovem começou a fumar narguilé aos 18 anos de forma recreativa. Posteriormente, o uso passou para os cigarros eletrônicos, que substituíam o cigarro convencional. Após alguns anos, o que parecia ser mais uma crise de asma, se agravou. “Os médicos tentaram fazer um raio-x do meu pulmão e eles não conseguiam, pelo órgão estar duro. Chegaram a dizer que já me entubaram morta”, lembra.

Os médicos relataram para a família que a nicotina presente no cigarro eletrônico foi um fator que agravou o caso de Pamela. Ela havia chegado na Unidade de Saúde quase inconsciente, e a saturação caía num nível tão rápido que não era normal em crises de asma. Pamela só consegue recordar que foi entubada e desmaiou, acordando somente nove dias após a internação. A jovem foi mantida sob observação e tratamento.

A irmã, Andressa Lara, relembra com pesar do momento em que Pamela estava em coma e ainda relata que não esperava isso acontecer com um familiar. Ela conta que os médicos haviam dito que de 10 pessoas que chegavam naquele estado, somente uma saía viva, e que podiam esperar o pior dos cenários possíveis. “Eu tentava segurar o choro e ser forte para ajudar nossos pais, mas naquele momento eu perdi o chão. Eu só pensava que não fazia sentido eu enterrar a minha irmã”, relembra. Hoje, com 25 anos, Pamela largou o vício do cigarro e está em tratamento do pulmão para evitar o agravamento de sua asma.

Um estudo feito pela PubMed com empregados nos Estados Unidos estimou que fumantes custam entre US$ 900 e US$ 1.383 a mais por ano para os empregadores, devido aos gastos de saúde, ausências e eventual menor desempenho no trabalho. O tabagismo, além de causar abstinência nos

trabalhadores fumantes, também pode provocar um fenômeno conhecido como presenteísmo — quando o funcionário está presente, mas não totalmente produtivo devido a estresse, cansaço ou outras questões pessoais —. As pausas para fumar também podem impactar a produtividade ao final do expediente.

Uma pesquisa do Instituto Nacional de Câncer mostra que a cada R$ 1 de lucro da indústria do tabaco, o governo federal precisa gastar R$ 5 no tratamento de doenças ocasionadas pelo fumo.

03

O TRABALHO AUTÔNOMO

Cada vez mais pessoas procuram alternativas para escapar do trabalho com carteira assinada e conseguir liberdade financeira, tão desejada por aqueles que enfrentam jornadas trabalhistas cansativas. Atualmente, existe um setor expressivo do mercado que vai contra a escala 6×1, e que encontra no trabalho autônomo uma alternativa de sustento mensal. A opção, embora possa parecer uma solução, também passa pela informalidade. A pauta ganhou notoriedade quando, em 2024, Propostas de Emenda à Constituição (PECs) que propõem o fim da escala de trabalho 6×1 e a redução da jornada de trabalho semanal foram debatidas no Congresso Nacional.

No primeiro semestre do ano, o Paraná registrou um crescimento de 17,07% no saldo de empresas em relação a 2024. O número representa a diferença entre o total de empresas abertas (189.808) e o de empresas baixadas (109.650). Assim, o saldo destes seis primeiros meses ficou em 80.158, contra as 68.473 do ano passado. Os dados foram divulgados pelo painel mensal da Junta Comercial do Paraná

(Jucepar), e indicam que 11.685 Cadastros Nacionais de Pessoa Jurídica (CNPJs) prosperaram.

Os dados podem estar relacionados a uma iniciativa que acelera a abertura de empresas no Paraná sem a autorização prévia de órgãos públicos. No dia 31 de janeiro de 2024, o Selo de Baixo Risco foi implementado. Por meio do programa Descomplica Paraná, o Decreto de Baixo Risco 3434/23 foi publicado, que regulamenta a Lei Estadual 20436/20, também conhecida como Lei de Liberdade Econômica. O Selo é uma iniciativa que visa dispensar empresas de atividades econômicas consideradas com "baixo potencial de impacto" da necessidade de apresentar alvarás de funcionamento.

Trabalho autônomo

Fabiana Ferreira é um exemplo de trabalhadora autônoma com CNPJ. A confeiteira se encontrou desamparada há cerca de 11 anos com uma casa e três filhos para sustentar, mas sem um emprego estável. Mal ela sabia que uma oportunidade, a princípio quase como um favor, mudaria o futuro dos seus próximos anos. Um vizinho, na época, encomendou dela um bolo com cobertura de chantili e morango. O resultado agradou tanto que uma série de recomendações do seu trabalho foram feitas, e aos poucos, cada vez mais pedidos surgiam por meio de indicações do boca a boca. "O negócio foi crescendo a partir dali. Quando eu vi não tinha mais espaço na minha antiga casa para todos os produtos", conta.

Atualmente, Fabiana se autodeclara como uma designer de bolos autodidata, que teve toda a experiência e conhecimento construído por conta própria, sem nenhum

tipo de curso específico. Ela defende que a confeitaria ajuda os trabalhadores autônomos pela facilidade de iniciar na área. “Você nem precisa de tantos ingredientes. É possível fazer um bolo lindo e delicioso apenas tendo uma batedeira, um forno e muita vontade”, diz.

Mesmo tendo começado praticamente do zero na confeitaria, hoje, Fabiana é uma Microempreendedora Individual (MEI) com CNPJ registrado e ministra cursos e oficinas para confeiteiros iniciantes. “Não troco a minha profissão e autonomia por nada. Já até recebi algumas propostas de trabalho nessa mesma área, mas não compensa pelo quanto eu ganho trabalhando no meu próprio lar”, relata. Mesmo com a independência, ela tem uma escala de trabalho que exige esforço durante a semana inteira, normalmente de seis a sete dias.

Fabiana ainda destaca que o fator principal para qualquer pessoa que queira iniciar na confeitaria é o respeito pelo cliente, sem enganar e com um preço que seja justo. “Os produtos precisam ser feitos sempre com muito amor, carinho e higiene, afinal, só assim você vai conseguir manter um padrão de qualidade e manter fidelidade com o consumidor”, defende.

Assim como Fabiana, Eduardo Augusto também é um trabalhador autônomo, porém, ainda sem um CNPJ registrado. O doceiro encontrou uma oportunidade no Terminal Central de Ponta Grossa para vender diariamente suas trufas artesanais. O sustento vem completamente por parte das vendas dos doces. “Em um mês bom, se somar tudo, varia entre R$ 1,8 mil e R$ 2,3 mil, o suficiente para eu conseguir me manter e viver bem”, conta. Ele também destaca que o amor é um dos principais ingredientes de suas receitas. Apesar da autonomia, Eduardo trabalha seis dias

por semana, às vezes, inclusive, até às 22h para conseguir bater as metas estabelecidas.

Eduardo tem o mesmo sonho de muitos trabalhadores autônomos: expandir o negócio e viver somente com a venda dos seus próprios produtos. Ele espera com otimismo que o empreendimento vire algo maior e que em breve consiga abrir uma loja de confeitaria franquiada com doces gourmet. Com o CNPJ registrado, Eduardo tem a possibilidade de formalização do trabalho e um primeiro passo para realizar a meta que tanto luta para realizar.

Serviço

O MEI pode ser criado de duas formas: presencialmente, em unidades de atendimento ao empreendedor disponíveis nas prefeituras ou órgãos públicos locais, mediante a entrega dos documentos pessoais e comprovante de residência; ou online, pelo portal oficial do gov.br, informando os dados pessoais e do negócio.

Para se tornar MEI, é necessário ter mais de 18 anos ou ser emancipado, não ser titular, sócio ou administrador de outra empresa, possuir faturamento anual de até R$ 81 mil e exercer uma atividade que esteja permitida na categoria.

04

O TRABALHO EM MEIO AO MEDO

"Pouco antes da minha viagem, em 24 de abril, um prédio no meu bairro, não muito longe da minha casa, foi destruído por um míssil russo e oito pessoas morreram", conta Yaroslava Muravetska, professora de ucraniano na Escola de Línguas, Literaturas e Culturas (ESLin) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ela teve a vida transformada pelo conflito entre a Rússia e a Ucrânia, que já dura mais de três anos.

Por meio de programas de acolhimento da Fundação Araucária em parceria com instituições de ensino do Paraná, cientistas da Ucrânia recebem apoio financeiro e bolsas de pesquisa no Brasil. A iniciativa foi implementada em 2022 e tem o objetivo humanitário de acolher pesquisadores para integrá-los acadêmica e socialmente após o início das guerras do país de origem.

A guerra

Após mais de três anos de conflito e crise humanitária, ainda não há perspectivas para um fim, muito menos a um acordo de paz para a guerra da Ucrânia. Algo que poderia ter sido decidido em um prazo menor, já dura muito mais que o esperado inicialmente. A invasão ocorreu no dia 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia iniciou ataques ao território da Ucrânia, em especial, bombardeios à capital do país, Kiev.

Um relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) reporta que, de fevereiro de 2022 até novembro de 2024, cerca de 12,3 mil civis já foram mortos em detrimento da guerra da Ucrânia. Já o número de feridos pode ultrapassar os 27,8 mil. Os valores referem-se apenas a dados verificados pela Organização das Nações Unidas (ONU) ou durante missões de monitoramento, ou seja, o número total pode ser muito maior, e a verdadeira quantidade de afetados pelo conflito ainda é incerta e incapaz de se estimar com exatidão.

A Professora

Nascida em Pokrov e residente de Kiev desde os 17 anos, Yaroslava tem 33 anos, é doutora na área da Teoria Literária e atualmente estuda a exploração de ferramentas digitais e a sistematização dos textos literários e arquivos da Associação Internacional de Estudos Ucranianos e do Bloco Antibolchevique das Nações. Em 2022, uma amiga havia viajado para Londrina, também por meio do programa de incentivo da Fundação Araucária, e escreveu mensagens positivas sobre o Brasil que a incentivaram a continuar suas pesquisas em um novo território.

Antes de vir para o Brasil, a pesquisadora havia morado a trabalho na Alemanha, onde tivera relações temporárias e instáveis no período em que ficou. Em pouco menos de um ano, ela chegou a se mudar entre duas regiões, quatro cidades e mais de dez moradias, onde tentava aprender o idioma e cuidar da saúde mental ao mesmo tempo que cumpria suas obrigações acadêmicas e profissionais. “A proposta brasileira me pareceu atraente. Primeiro, pelas boas recomendações da minha amiga, e segundo, porque o contrato era de dois anos, o que me permitiria ter tempo de adaptação com o idioma e de sentir estabilidade no país”, conta.

Apesar da distância, Yaroslava não deixa de se comunicar com a família diariamente. Seus pais nunca deixaram a Ucrânia por acharem difícil recomeçar a vida em outro país, sem casa e com um novo idioma para aprender, mas apoiam a decisão da filha em estar no Brasil. Eles vivem em uma cidade próxima à linha de frente da guerra e à Usina Nuclear de Zaporizhzhia, hoje sob controle russo.

Mesmo com o coração apertado e o medo de que um ataque acidental cause um desastre nuclear na região em que seus pais moram, ela mantém os pensamentos positivos. "É difícil prever o futuro, mas o fato de a Rússia — um país 28 vezes maior — ter ocupado apenas 20% do território ucraniano após três anos e meio de invasão me dá esperança", declara.

Ela destaca que, mesmo com as dificuldades de falar e aprender português, o povo brasileiro sempre tem sido gentil e paciente. "Nem todo país recebe bem alguém que ainda não domina o idioma", afirma. De modo geral, ela nunca sofreu algum tipo de preconceito por ser estrangeira no Brasil.

Seu desafio tem sido explicar que ela não é da Rússia e nem tem interesse pela cultura do país. Para ela, muitos desconhecem a história da Ucrânia e acreditam em versões

distorcidas pela propaganda russa. “Infelizmente, o mundo ainda conhece mais sobre a Rússia do que sobre a Ucrânia. Por isso, é importante aprendermos mais uns sobre os outros”, defende.

O curso de ucraniano é oferecido gratuitamente pela ESLin desde o dia 12 de agosto às terças e quintas, das 19h até às 20h. É a primeira vez que a língua é ofertada na instituição. Trata-se ainda de forma experimental que visa testar a adesão dos estudantes; a partir disso, há possibilidade de se tornar uma aula permanente e com mais turmas nos anos seguintes. Em meio a desafios gerados pela barreira linguística, a professora tem a dedicação de ensinar seu idioma original pela primeira vez para brasileiros, e aprende diariamente a cultura e a realidade do novo país.

Por meio de uma didática que auxilia os estudantes que nunca tiveram nenhum contato com a língua, Yaroslava destaca a pronúncia das letras e palavras ucranianas. As primeiras aulas tiveram foco no alfabeto e em termos básicos, explicados com paciência para que todos pudessem compreender. O tradutor é um colega fiel, que a auxilia a entender ou a explicar alguma palavra que ainda tenha dificuldade com o português. Em alguns momentos, o inglês é usado para facilitar a compreensão com os alunos, que também a ensinam diariamente. "Aprender um idioma novo demanda repetição. A adaptação se torna mais difícil se você não está constantemente praticando", relata.

Estudantes

Zhuang Zhi Hong tem 21 anos e é estudante de Direito na UEPG. Ele conta que sempre teve interesse em aprender novas línguas, e fez as inscrições para a turma de ucraniano logo que viu o anúncio da ESLin no Instagram. "É fácil

traduzir e pesquisar qualquer coisa com a internet mesmo com possíveis barreiras linguísticas e dificuldades que surgem durante as aulas", relata ao citar que a professora é "muito atenciosa e compreensível com todos".

Sueli Zdebski tem 64 anos, é aposentada e ex-procuradora de Ponta Grossa. Para ela, o interesse pelas aulas surgiu pela ascendência ucraniana que tem, pois cresceu em um ambiente em que seus avós e pais falavam ucraniano entre si em casa. Apesar de ter estudado a língua durante a infância e a vida adulta, por motivos pessoais acabou desistindo nessas oportunidades. Hoje, aproveita que tem mais tempo para enfim realizar um longínquo sonho. "Está sendo uma experiência esclarecedora. É como um resgate daquilo que eu não fiz quando era criança, adolescente, pois na época eu acabava menosprezando aquilo que eu tinha em casa e perdi a chance de aprender um segundo idioma", destaca.

Por fim, quando perguntada sobre seus planos para o futuro, a professora apenas sabe que pretende viver no Brasil por pelo menos dois anos, mas sem nenhum planejamento específico para o futuro. "Como em outros momentos fora do meu controle, aprendi que a realidade muda constantemente. Assim, a mulher que planejava viver em Kiev até a velhice agora está aberta a quase tudo. E claro, desejo acima de tudo a vitória da Ucrânia", declara.

ESLin

Neste ano, os períodos de inscrição para o 1º semestre de 2026 estão previstos para o dia 23 de novembro com fim no dia 20 de dezembro de 2025. Após o fim do recesso, o período de inscrições é retomado no início do ano seguinte.

Até o fechamento desta matéria, ainda não há uma data em específico, mas costuma ser por volta de fevereiro/março.

As inscrições podem ser feitas tanto pelo site da ESLIN quanto presencialmente. Para aqueles alunos que já possuem um conhecimento prévio dos idiomas disponíveis na Escola, um teste de nivelamento é ofertado.

As entrevistas com a professora Yaroslava para essa reportagem foram feitas em inglês e ucraniano, pois era assim que ela se sentia mais confortável em falar. Os depoimentos e citações foram transcritos para o português para compor o texto final.

05

O TRABALHO MAXIMIZADO

O cenário do desenvolvimento de jogos no Brasil tem crescido exponencialmente. Hoje, a mídia já é dita como a mais rentável do mundo, superando inclusive o cinema e a música. De acordo com a Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI), em 2024, a receita global de músicas gravadas foi de aproximadamente US$ 29 bilhões. Ainda no mesmo ano, segundo a PwC, uma empresa de consultoria e auditoria financeira, estima-se que a receita global da indústria do cinema foi de US$ 33 bilhões. Por outro lado, a Allcorrect previu que o mercado global de videogames deveria atingir cerca de US$ 177 bilhões em 2024.

Hoje, existem diversos tipos de gêneros diferentes que podem agradar qualquer tipo de jogador, desde os mais casuais, que só buscam uma diversão simples e/ou em grupo para um final de semana, até mesmo aqueles mais competitivos, que profissionalizam o próprio *hobby* e o tornam algo rentável. O sentimento de querer fazer

parte daquilo e trazer ao mundo as próprias ideias surge diariamente na casa de milhares de brasileiros ao mesmo tempo que esse mercado conquista cada vez mais popularidade, mesmo entre aqueles que nunca tiveram contato com videogames.

Em 2024, a Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos (Abragames) em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos (ApexBrasil) divulgou uma pesquisa sobre a indústria brasileira de jogos e os estúdios independentes que atuam no país. Os dados indicam que de 2022 para 2023 houve um crescimento de 3,2% na quantidade de novos estúdios (de 1.009 para 1.042). Os números em 2015, entretanto, não chegavam nem a 150.

O estudo ainda aponta que 2,6 mil jogos brasileiros foram produzidos desde 2020 até 2022, 12% a mais que o total registrado em 2015. O faturamento também tem crescido, sendo que, em 2015, as empresas brasileiras arrecadaram apenas US$ 32 milhões. Já em 2022, o rendimento total ultrapassou a marca de US$ 250 milhões.

Alguns fatores podem contribuir para esse crescimento dos últimos anos. A instituição da Lei Paulo Gustavo em 2022, que financia a execução de ações e projetos culturais em todo o território nacional por meio de editais, colabora para que desenvolvedores de jogos tenham o financiamento necessário para conseguir lançar o tão sonhado projeto. Além disso, a Lei 14.852/2024, conhecida como Marco Legal dos Jogos Eletrônicos no Brasil, tem a intenção de regulamentar e incentivar a indústria de games no país, e inclui o desenvolvimento, fabricação, importação e

comercialização desse mercado.

A mesma pesquisa da Abragames ainda indica que a maioria dos colaboradores nas empresas de jogos são homens, com três a cada quatro pessoas deste mercado sendo do sexo masculino. Mesmo estando em menor número, o público feminino consegue se consagrar como grandes influências nas obras deste meio. É o caso de Kim Swift, desenvolvedora de Portal (2007), Amy Hennig, roteirista-chefe e diretora criativa da série Uncharted, Rhianna Pratchett, designer narrativa da franquia Tomb Raider e Yoko Shimomura, compositora da Square Enix e de jogos como Kingdom Hearts e Final Fantasy. Assim como essas mulheres, Thaís Cristina dos Santos é outra que luta diariamente para conquistar reconhecimento na indústria com suas histórias tocantes.

Quem é Thaís?

Professora colaboradora do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e também assistente social de formação, Thaís Cristina dos Santos encontrou uma nova maneira de transmitir ensinamentos e transformar realidades. Aos 35 anos, sua trajetória com a educação vai muito além das salas de aula, afinal, dedica-se no tempo livre a uma paixão que nutre com carinho e otimismo: o desenvolvimento de jogos. Em meio a uma rotina corrida carregada por aulas, pesquisas e longas madrugadas adentro, ela ainda consegue conciliar o tempo com a profissão de *game designer*.

O contato com o desenvolvimento de jogos iniciou por volta de 2019, quando Thaís começou a estudar

design de jogos por curiosidade; mais em específico, a questão narrativa. O que começou como um *hobby* logo se tornou foco de maior dedicação, até que, em 2021, ela ingressou na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) para fazer o doutorado de Ensino de Ciências e Tecnologia. Assim, ela desenvolveu o jogo *Remember-me*, fruto de sua tese, como estratégia educativa para ensinar crianças sobre problemas ambientais e direitos humanos. O projeto recebeu apoio da Lei Paulo Gustavo e, desde então, tem percorrido eventos e escolas para despertar reflexões sobre empatia coletiva.

Porém, nem sempre Thaís teve as oportunidades necessárias para correr atrás de seus sonhos. Durante a infância, ela vivia em uma realidade humilde no bairro Santa Paula — localizado em Ponta Grossa, com forte presença de vilas —. A família trabalhava com a coleta de materiais recicláveis, trabalho em que atuava desde os 12 anos e só parou quando se formou na faculdade. Segundo ela, sua mãe, que na época era uma pessoa em situação de rua, engravidou aos 14 anos, e teve que voltar a morar com o pai agressivo para conseguir cuidar da criança recém-nascida. "Ela sempre foi bem depressiva, e não sabia direito como criar a gente. Quando nos demos conta já estávamos assumindo as responsabilidades da casa", conta. Hoje, Thaís recorda dos incentivos que a figura materna lhe dava para os estudos, mesmo sem perceber que fazer os filhos trabalharem desde cedo já era uma forma de violência.

Desde criança, Thaís trabalhou de todas as formas possíveis para conseguir juntar dinheiro no final do mês. Já fez serviço de limpeza, carpinteira, mas lidou

principalmente com a venda de materiais recicláveis como alumínio e papelão. Seu objetivo de vida, entretanto, nunca foi o de ser uma professora, e sim uma assistente social, justamente para conseguir ajudar outras pessoas que estivessem passando por momentos de fragilidade. Porém, ela diz ter se encontrado como professora pela capacidade de levar reflexões e ensinamentos aos estudantes, o que a fez entender que estava fazendo a diferença na vida de alguém. "Eu gosto de fazer essas provocações em sala de aula para que os outros enxerguem quem são as pessoas das quais estamos falando. Nossa sociedade se tornou muito individualista, e nos falta empatia para perceber que às vezes um vizinho passa fome e nem notamos", declara.

Heart Dungeon

Thaís conta que o processo de desenvolvimento do jogo iniciou em 2022, junto com os outros três membros da Sanplus Games Studio, produtora ponta-grossense em que faz parte. A ideia surgiu das experiências de vida que os demais integrantes estavam vivendo na época, com situações difíceis de pré-aceitação do luto de familiares. E aí surge o nome, *Heart Dungeon* — Masmorra do Coração, em tradução livre —, pois é uma representação dos medos e traumas do protagonista que, assim como seus criadores, enfrenta momentos complicados na vida pessoal.

A proposta é um jogo dividido em dois segmentos: *light novel* — onde o foco são nos diálogos e no desenvolvimento da relação entre os personagens — e *roguelike* de ação — onde cada partida é aleatória com

itens e configurações novas para variar a jogabilidade. As duas partes do jogo são interligadas, ou seja, cada uma influencia diretamente na outra. Quanto mais relações o personagem cria com colegas e amigos na vida real, mais forte ele fica dentro do videogame que joga quando chega em casa, e vice-versa. Desta forma, o garoto então, decide usar essa dimensão virtual para lutar contra a doença que aflige sua mãe e compreender aquilo que passa em seu próprio coração.

O jogo foi aprovado na Lei Paulo Gustavo, e assim, ela e os demais desenvolvedores tiveram um ano para produzir o projeto e lançá-lo segundo os contratos do incentivo. Apesar do prazo apertado, tempo livre dedicado ao desenvolvimento e diversas noites sem dormir, a equipe conseguiu entregar um resultado satisfatório que os enche de orgulho e otimismo para uma versão completa ser lançada no futuro. "Era três horas da manhã e eu estava acordada, programando, planejando, desenhando e chorando para conseguir entregar o produto, afinal, é um financiamento, e todo mês a gente precisava entregar relatórios sobre o processo e gastos do projeto", conta.

Uma versão de demonstração do jogo está disponível gratuitamente na Steam desde o final de outubro de 2024 destinado a um público-alvo maior de 14 anos. James Kirkwood tem 21 anos e é estudante de Medicina na Faculdade Idomed de Alagoinhas (BA). Ele testou o jogo e destaca que a história é interessante por ser facilmente identificável para muitas pessoas. "Eu gosto da proposta de usar um mundo fantasioso para expressar sentimentos de uma forma metafórica", afirma. Apesar de eventuais problemas encontrados na

gameplay, como a baixa dificuldade e alguns bugs na interface e uso dos feitiços, ele defende a importância do projeto para o mercado brasileiro de jogos e espera que algum dia ele possa ser concluído. A versão completa já conta com mais de 1 mil pessoas com interesse de adquirir, mas ainda permanece sem uma data de lançamento oficial.

Remember-me

A ideia surgiu em 2019, quando Thaís participou de uma *game jam* — uma espécie de maratona criativa de desenvolvimento de jogos em um curto período de tempo —, onde o tema deveria ser relacionado com a reciclagem. Ali, inspirada pelas próprias vivências, mas sem experiências na área até então, recebeu elogios sobre a narrativa e o planejamento do projeto. Logo, em 2021, Thaís levou a proposta para o seu doutorado em Ensino de Ciências e Tecnologia na UTFPR, por ter interesse em pesquisar os jogos como forma científica de estudo. A partir de então, ela começou a estudar o produto como uma estratégia de ensino para crianças.

A história do jogo é baseada em um momento que viveu durante a infância. Houve um dia em que ela e o irmão, três anos mais novo, brincavam na rua e fizeram uma aposta que era a de subir a rua rapidamente e quem chegasse primeiro ia ganhar doce. Porém, quando Thaís chegou no topo, ela não o encontrou. "Foi uma das cenas que mais marcaram a minha vida. Lembro até hoje do desespero que eu sentia enquanto subia e descia aquela rua quando eu perdi o meu irmãozinho", relembra.

Já no jogo, a protagonista Aurora tem uma mãe

depressiva e um irmão que desapareceu durante uma brincadeira. Aos poucos, a mulher começa a perder a memória e a esquecer que o próprio filho existia. Também progressivamente, começa a falar cada vez menos com Aurora. Assim, a principal missão da personagem é conseguir encontrar itens que façam com que a mãe relembre quem é essa pessoa que está sendo esquecida, e é justamente daí que vem o nome, *Remember-me* — Lembre de mim, em tradução livre.

Assim como Thaís, a Aurora também trabalha com a catação de reciclagem na rua com uma gaiota, e o jogo tem o propósito de justamente ensinar enquanto questiona o jogador do porquê há tantos materiais jogados e permitem que uma criança trabalhe. Thaís enxerga nos jogos uma possibilidade de retratar histórias, e assim surge o interesse de criar aqueles com um propósito por trás, que possam divertir e fazer o usuário refletir ao mesmo tempo. "Assim como eu era, a Aurora também é só uma criança. E a cada vez que ela encontra um ursinho, ela resgata um pouco da própria infância para entender que ela não precisa assumir as responsabilidades de um adulto", explica. A proposta ainda trabalha com a limpeza gradual do meio-ambiente, tema que também é muito discutido em outros trabalhos da professora.

Uma versão de demonstração do jogo está disponível gratuitamente na plataforma itch.io, destinado a um público geral, sem restrição de idade. O produto traz reflexões sobre meio ambiente e exploração do trabalho infantil. Higor Heidrick tem 23 anos e tem contato com os jogos eletrônicos desde que era criança. Ele destaca a importância de um projeto independente como esse para o mercado em crescimento dos

videogames nacionais “O projeto também mostra que não são só os centros urbanos que têm a capacidade de desenvolver jogos”, defende. Para ele, conscientizar a população por meio de um tipo de mídia fora do habitual é uma maneira criativa de ensinar. Apesar de problemas de desempenho mesmo para seu computador considerado de qualidade, ele acredita que um polimento final pode facilmente chegar a um resultado satisfatório no futuro.

Jogos como os de Thaís dos Santos servem não só como um incentivo para o mercado dos jogos nacionais, como também para conscientização das pessoas de um jeito divertido e acessível. Nem tudo que é educativo precisa ser chato, e é nisso que ela acredita, que as mídias podem servir como um alicerce de construção da dignidade humana. “O meu principal objetivo de vida é que eu realmente consiga contribuir para um futuro em que as crianças desse mundo não passem pelas mesmas coisas que eu passei”, conclui.

06

O TRABALHO NASCIDO DO AMOR

"A consciência da castração já evoluiu muito. Hoje as pessoas sabem o quanto ela é importante para o animal e até para a sociedade", declara Karina Medaglia, fundadora do Grupo Fauna. A organização não governamental (ong) tem como objetivo a defesa dos direitos animais e ambientais em Ponta Grossa. Apesar de avanços na mobilização social sobre o tema, ainda há muito o que melhorar. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2021, indicam que há cerca de 30 milhões de animais em situação de rua no Brasil. A pesquisa também sugere que somente um casal de cães pode gerar até 80 mil descendentes em 10 anos. Já para um casal de gatos, o número pode ultrapassar 420 mil descendentes no mesmo período.

Estudos da ong *World Society for the Protection of Animals* (WSPA) mostram que cada 1 US$ investido em castração preventiva economiza até US$ 10 em saúde pública, seja por meio do tratamento de zoonoses,

acidentes ou demandas judiciais. E é por isso que Karina batalha diariamente: para que cada vez mais animais tenham uma vida digna e sejam castrados gratuitamente por iniciativas de apoio às pessoas que não têm tanta condição. Se hoje ela é reconhecida em toda a cidade como transgressora no movimento, houve também um longínquo dia em que uma pequena garota sonhava por condições mais igualitárias para todos os animais. Sua trajetória é longa e repleta de acontecimentos, e um dos mais recentes foi a sua gestão enquanto presidente do Conselho Municipal de Proteção e Defesa dos Animais (CMPDA), no período de 2023 a 2025.

Conselho

Karina organizou e planejou a segunda Conferência Municipal de Proteção e Defesa dos Animais durante todo o ano de 2025. O evento em questão elegeu os novos integrantes do CMPDA no dia 13 de setembro do mesmo ano. Após dois anos de gestão na presidência, ela transferiu o cargo para uma nova direção que fosse capaz de seguir seus passos. Profissionais, organizações, instituições públicas e a comunidade participaram do debate sobre políticas públicas para o bem-estar animal em Ponta Grossa. Criado em 2023, a lei estabelece mandato de dois anos para cada membro.

O CMPDA tem caráter deliberativo, e funciona como a instância máxima de decisões sobre políticas públicas específicas à causa animal no município. Ele foi instituído pela lei municipal 14582/2023, com a constituição de nove membros. Com a alteração neste ano (Lei 15.409), foram eleitos 13 integrantes: um representante da Secretaria

Municipal de Meio Ambiente; um representante da Fundação Municipal de Saúde (FMS); um representante da Secretaria Municipal de Educação; quatro representantes de entidades voltadas à proteção animal; dois representantes da comunidade acadêmico-científica, atuando nas áreas de medicina ambiental, ciência animal ou direito ambiental; dois representantes dos protetores independentes de animais; um representante da Guarda Municipal de Ponta Grossa; um representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) lotado em Ponta Grossa. Cada membro ainda tem direito a um suplente que esteja na mesma área de atuação.

Uma das vontades de Karina, enquanto representante do Conselho, era de realizar um novo censo da população animal em situação de rua em Ponta Grossa. Ela tem a estimativa de que somente a população canina equivaleria a cerca de 20% dos humanos de um município. Porém, estatísticas concretas datam somente de 2021, quando a Secretaria de Meio Ambiente de Ponta Grossa estimou que existam cerca de 50 mil animais nesta condição de rua na cidade. “O censo é fundamental porque é uma questão de saúde pública, e é a partir de um levantamento assim que você consegue montar metas a serem batidas”, defende.

O município de Ponta Grossa possui um projeto de castração gratuita que atende em média 400 animais por mês, principalmente cães e gatos, segundo informações da Secretaria do Meio Ambiente. Entretanto, o programa de assistência ficou paralisado por cerca de cinco meses em 2025. Segundo Karina, que já fazia parte do Conselho, houve equívocos no edital que o fizeram ser adiado. Atualmente, 15 clínicas veterinárias realizam o serviço

gratuitamente por meio da iniciativa. Porém, ela ainda destaca que as exigências foram aumentadas para as pessoas que desejam se cadastrar no programa, o que dificulta a adesão da população. “Eu acho que burocratizaram muito uma coisa que era para ser acessível à comunidade”, comenta, mas ainda defende a importância do projeto ter enfim se regularizado novamente.

Karina também conta que, até maio de 2025, mesmo com dois anos de gestão, ainda não havia um regimento que regulamentasse as competências do Conselho. Apesar de já estar escrito e pronto para ser publicado, ele chegou a ficar engavetado por meses. "E o que você faz sem um regimento? É como se o Conselho nem existisse, pois não tínhamos a legalidade para propormos novas normas ao município", relata.

Quem é Karina?

Entre resgates, idas ao veterinário e campanhas nas redes sociais, Karina Cunha Medaglia tem 42 anos e atua há pelo menos duas décadas como protetora de animais. Hoje, ela não consegue se desvencilhar dessa imagem que construiu, afinal, sua compaixão foi transformada em uma missão de vida. “Não consigo ver um animal sofrendo e fingir que não é comigo”, resume.

Uma das trajetórias mais marcantes da causa animal em Ponta Grossa foi construída por alguém que inicialmente nem era do município. Nascida em Cornélio Procópio — localizado há cerca de 400 quilômetros de Curitiba e 284 km de Ponta Grossa —, a médica pediatra e acupunturista, veio de Curitiba em 1989, e já trouxe consigo a antiga vontade que tinha de ajudar os animais.

Desde a infância, ela tentava salvar animais feridos e se revoltava com situações de maus-tratos e violência que testemunhava, tendo inclusive encontrado cães e gatos que foram mortos por vizinhos da época. Enquanto crescia, ela percebeu que realmente poderia fazer a diferença na vida daqueles animais, e logo iniciou o apoio da forma como conseguia. "Eu já tinha essa visão desde cedo. Tanto que uma das primeiras coisas que eu comecei a fazer quando eu iniciei minha residência em Curitiba foi ajudar financeiramente a sociedade protetora todo mês", conta.

Anos depois, já em Ponta Grossa, Karina uniu um grupo de voluntários que compartilhavam da mesma visão para fundar uma associação voltada à defesa dos direitos dos animais na cidade. A associação se tornou o Grupo Fauna de Proteção aos Animais — popularmente chamado de Grupo Fauna —, que desde sua criação defendia que a verdadeira solução para controle populacional desenfreado de animais nas ruas seria a castração em larga escala e legislações que fossem efetivas. Ela se tornou referência com o passar dos anos no diálogo dos voluntários com o poder público, frequentemente exigindo que a responsabilidade primária do Estado seja efetiva.

Porém, o envolvimento com a causa animal não é fácil, e diariamente o amor enfrenta resgates complicados, falta de apoio financeiro, enfrentamento de ameaças, burocracias legislativas e todo o cuidado diário exigido. Mas, no final do dia, isso é o que faz sentido para Karina, é onde encontra a sua aspiração. Ela, entendendo seu papel enquanto pioneira na causa para a cidade, sabe o quanto ajudou a abrir caminhos que possibilitaram e ajudaram na criação de outras ONGs, além de ter influenciado toda uma nova geração de ativistas que seguem seu legado. Karina hoje é

consagrada como um dos nomes mais relevantes na defesa animal de Ponta Grossa, e também como alguém que conseguiu transformar uma indignação infantil em uma ação concreta, capaz de fazer a diferença no ambiente em que está inserida.

07

O TRABALHO MATERNO

A vida de Regiane Ribeiro mudou completamente em 2020, quando recebeu o diagnóstico de autismo do filho, o pequeno João Miguel, que hoje tem dez anos. “O diagnóstico não é fácil, e nós como pais vivemos o luto da aceitação. Mas procurar ajuda e informação é a parte mais importante do processo”, relata. Na época, o autismo ainda não era tão falado em Tibagi — localizado há cerca de 210 quilômetros de Curitiba e 95 km de Ponta Grossa —, e o desconhecimento e receios aumentavam a insegurança diante do que viria a se tornar uma novidade em sua vida. "É como se você tivesse que começar do zero, pois tudo o que havia sido planejado é derrubado pelo novo futuro", relembra.

Desde então, Regiane dedica a rotina integralmente ao cuidado do filho, que estuda na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Tibagi e apresenta grandes avanços no desenvolvimento. Mesmo com o longo processo de aceitação própria, ela nunca deixou de lutar por um futuro melhor e mais justo para o João Miguel. "Hoje eu me sinto

muito orgulhosa de mim. Por tudo que eu já busquei e briguei para conseguir conquistar", destaca. E assim, com o intuito de unir as outras mães atípicas da cidade, ela decidiu criar uma associação que fosse capaz de acolher as famílias que tanto precisam de uma rede de apoio.

Diagnóstico

O processo de descoberta começou logo cedo, quando Regiane percebeu que o filho, por volta dos dois anos, havia retrocedido para falar as primeiras e mais simples palavras que antes pronunciava com naturalidade. A princípio, ela acreditava que a dificuldade era pela pouca convivência do menino com outras crianças da mesma idade, mas aos poucos os sinais se intensificaram. A confirmação só veio após o acompanhamento de três anos com uma fonoaudióloga e uma neurologista. "Naquele momento eu fiquei sem chão e mal queria falar sobre o assunto", relembra.

Mesmo com o choque inicial, Regiane sabia que precisava tomar uma decisão que garantisse o melhor para o filho. Por isso, decidiu conhecer a Apae de Tibagi, local onde nunca nem tinha ido visitar, até realmente precisar. Ela lembra como, na época, a Associação não era tão comentada na cidade, e muitas vezes os pais chegavam a esconder a informação de que os filhos a frequentavam por medo do preconceito. Mesmo com receios, ela foi de coração aberto para conhecer a instituição. “Me emocionei durante a visita que eu fiz porque nos receberam da melhor forma possível. Ali eu me senti muito acolhida desde sempre”, conta com carinho da escola em que o João Miguel já estuda há cinco anos.

A aceitação, porém, foi um processo lento e doloroso. Ela conta que passou por um período que descreve como um

"luto", repleto de incertezas, medo e culpa. "É muito difícil para os pais porque eles se sentem culpados. Eles pensam: "por que meu filho nasceu assim?", mas com o tempo a gente entende que não é culpa de ninguém", lembra. Hoje, Regiane percebe que também teve que se aceitar enquanto mãe atípica, para só assim conseguir enfrentar os preconceitos alheios e ir atrás de exigir os direitos que tinham ao seu dispor.

Regiane relata que, embora a legislação preveja atendimento especializado, na prática o acesso a terapias e suporte público ainda era limitado, principalmente no contexto da época. A lei 12.764/2012 (intitulada Berenice Piana) estabelece diagnóstico precoce e tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Porém, nem sempre os direitos são garantidos, e muitas famílias ainda permanecem sem o apoio necessário. Em uma cidade com cerca de 20 mil habitantes como Tibagi, a situação pode ser agravada. "A lei é linda no papel, mas na hora de executar é difícil. Eu tive que cobrar e brigar muito para garantir o básico", lembra.

A partir dessa necessidade de buscar por direitos que nasceu a vontade de unir forças com outras mães da cidade que estivessem na mesma situação. Assim, em 2021, ela criou um grupo no *WhatsApp* para as mães atípicas de Tibagi. O espaço era aberto para troca de experiências e informações sobre o autismo. Aos poucos, a iniciativa cresceu e se transformou em uma associação aberta para participação popular. "Juntos vamos construir um projeto sólido, seguro e transformador para os nossos atendidos e suas famílias", proclama com emoção a frase que define o significado da associação para Regiane.

Associação

A Associação de Pais e Mães de Autistas de Tibagi foi fundada informalmente em 2021. A princípio, funcionava como um grupo para ajudar as famílias atípicas do município a defenderem seus direitos e integrar a comunidade envolvida na causa. Na época, apenas debates e conversas eram promovidas pelos integrantes. Mas foi somente em 2023 que começou o processo de oficialização da iniciativa, para conseguir um CNPJ próprio, recursos e apoio do poder legislativo do município.

Hoje, mais de 60 pessoas fazem parte da Associação, que inclui pais, mães, crianças, vereadores e apoiadores da causa. Por meio de uma parceria com o SUS, as famílias são beneficiadas na conquista de terapias, consultas e diagnósticos gratuitamente. Antigamente, os moradores precisavam recorrer a cidades vizinhas que ofereciam os mesmos serviços de forma particular.

Dentre os principais projetos que a Associação visa incorporar no município está a equoterapia, que utiliza o cavalo como recurso terapêutico para estimular o desenvolvimento físico, emocional e social no tratamento de pessoas com algum transtorno ou deficiência. Também há o planejamento de criar um Centro de Atendimento de Crianças Autistas, que seria um espaço projetado para atender gratuitamente a demanda das famílias que precisassem de suporte com seus filhos.

Presidente

O atual presidente da Associação, Silvio Pacheco, é um exemplo de apoiador da causa do TEA que não estava diretamente envolvido com ela desde o princípio. O seu

contato com o autismo foi consolidado em 2020, quando começou a se relacionar com Silmara Campos, mãe de um menino autista. Desde então, Silvio tem se aprofundado no tema e abraçado as lutas da companheira. "Desde que eu tive a aproximação com o tema, eu comecei a estudar para poder trabalhar melhor com a causa", destaca. Assim, assumiu a liderança da entidade desde o início da formalização, há cerca de três anos, e foi reeleito ao cargo em 2025.

Silvio recorda que os diagnósticos do TEA ainda são muito recentes, e que as crianças precisam de todo o apoio e acolhimento necessário para se sentirem incluídas na sociedade. Ele também comenta com pesar, enquanto pai atípico, do Decreto nº 12.686, publicado pelo Governo Federal em 21 de outubro de 2025, que institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva, e possibilita o encerramento das atividades nas escolas de educação especial, tirando assim, o local específico de estudo do filho autista. “A inclusão é estar junto e acompanhar aquela criança, estando disposto a incluí-la na instituição”, defende.

Por fim, ele garante que, enquanto presidente da Associação, seu objetivo é brigar para que os autistas de Tibagi tenham realmente uma condição e qualidade de vida garantidas. Silvio também lembra com orgulho de como, hoje, as crianças têm no mínimo duas sessões de terapia por semana por conta do município, sem a necessidade dos pais disporem de dinheiro para o acompanhamento ser realizado. "Sinto que ainda falta muita empatia por parte das pessoas que ainda têm preconceito com as crianças. Nós enquanto pais atípicos também somos muito julgados diariamente", conta.

EPÍLOGO

Acima de tudo, eu queria agradecê-lo por ter lido este livro até aqui. Ter esse trabalho final em mãos — físico, com cheiro e textura — é a realização de um sonho para uma criança que sonhava em conseguir escrever e publicar alguma história em um futuro longínquo. A mesma criança que comemorava quando era mandada para a diretoria, pois poderia ficar lendo sem que ninguém o atrapalhasse, hoje, tem a sensibilidade de contar a história de outras pessoas.

Dizendo do ponto de vista de alguém que está na graduação em Jornalismo eu digo: lidar com pessoas é uma coisa muito complicada. Nós nunca sabemos como o indivíduo vai reagir por uma simples abordagem. Diversas vezes lidei com pessoas grosseiras, que ao invés de simplesmente negar um exemplar de jornal ou a cessão de uma entrevista, faziam questão de ser rudes e plantar em mim aquela sementinha da desconfiança e da dúvida de pensar se eu realmente estaria no caminho certo trilhado pelo jornalismo. Mas é nos momentos de *feedback*, quando eu vejo que existem pessoas que se

interessam pelas palavras, que posso contar que eu recebo a certeza de que estou na área certa.

Desde criança, meu sonho era fazer a diferença no mundo, e saber que eu consigo fazer isso hoje, por meio de uma matéria, reportagem ou agora, livro, me enche de gratidão e orgulho de mim mesmo por tudo o que eu estou conseguindo construir e conquistar até aqui. Um livro não é algo simples, que você lê um parágrafo e absorve aquele conteúdo. Não, um livro exige uma entrega maior, um tempo dedicado para que você possa se sentir imerso por aquela obra e realmente entender o que aquele autor estava querendo transmitir com todas aqueles 60 mil caracteres escritos durante um ano inteiro no *Google Docs*, e que estão agora transformados em um produto completo. Produto esse que você teve a oportunidade de ler, por isso, eu digo: *muito obrigado*

Outros títulos da Coleção Enfrentamentos

Vítimas sem fala: reportagens em profundidade sobre abandono e maus-tratos aos animais
R. Conrado

Fluidez espiritual: a dança entre fé e liberdade
Emanuely Almeida

Sob os escombros de mim: a luta de Riva ZL contra os fantasmas da dependência
Juliana Emelly

Nenhuma vida a menos: sete histórias de violência policial e a luta por justiça
Gabrieli Mendes

A mesma estrada de terra: quarenta anos de feminicídio a partir do caso Sirlene Pires
Amanda Stafin

O passado vivo no presente: fragmentos da vida de Corina Portugal analisados pelas perspectivas atuais
Ester Roloff

A força de romper o silêncio: histórias de mulheres que enfrentaram a violência
Giovana Guarneri

O outro lado da pílula: a corda bamba do direito à vida
Fabrício Zvir

A composição tipográfica desta obra utiliza o tipo Times New Roman, corpo 11 pt, com entrelinhamento ampliado. A paginação segue o padrão gráfico definido para a *Coleção Enfrentamentos*.